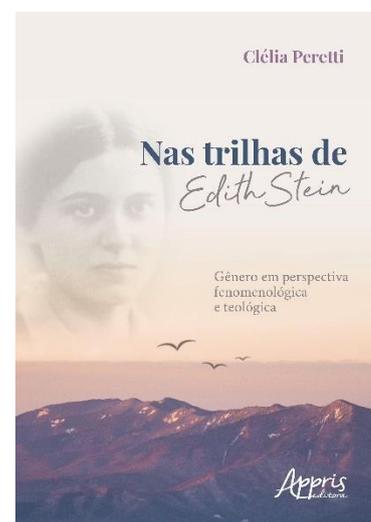


RESENHA



PERETTI, Clélia. *Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica*. Curitiba: Appris, 2019. 323p.

311

Evandro Pegoraro

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS¹

Publicou-se pela editora Appris no ano de 2019 o livro *Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica*, da pesquisadora Clélia Peretti, professora do curso de Bacharelado em Teologia e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Teologia da PUCPR. Resultado do seu doutorado, o livro possui como tema as contribuições nos campos da filosofia e da teologia na perspectiva feminina a partir da filósofa e mística Edith Stein, uma das grandes mulheres do século XX. Escrito por uma mulher sobre uma das grandes mulheres do século XX, um dos seus méritos consiste no fato de assumir a defesa da feminilidade à luz da fé. Prefaciado pelo professor, pesquisador e tradutor Renato Kirchner e apresentado pelo professor Ezequiel Westphal, o livro está dividido em cinco capítulos.

¹ E-mail: maestroev@hotmail.com.

O primeiro capítulo – *Edith Stein e seu protagonismo feminino* – descreve o itinerário da vida de Edith Stein, desde a sua formação familiar, passando pela sua formação acadêmica, seu engajamento social em prol das mulheres de sua época, a decisão de tornar-se cristã, após, carmelita e, por fim, a sua detenção e morte pelo regime nazista. Sua autobiografia, *História de uma família judia. Traços autobiográficos: infância e os anos juvenis*, é decisiva nos elementos aí mostrados.

Filha de família judia, ela nasceu no dia 12 de outubro de 1891, em Breslau, que na época pertencia a Alemanha, mas hoje fica no território da Polônia, sendo a última de uma família de onze irmãos. Perdeu o pai quando contava 3 anos, por isso testemunha a influência decisiva da mãe, Augusta Courant, na sua vida, mulher moralmente forte que assumiu também o papel do marido na continuidade do comércio de madeiras. Foi no seio familiar, de modo especial pela relação com a mãe, que ela obteve a primeira escola de pensamento, aprendendo a fé judaica, disciplina moral e o amor pelos outros.

Já no início de sua vida escolar a menina Edith foi aluna destaque, mostrando-se durante toda a vida muito dedicada aos estudos, aprendendo a falar muito bem o francês, o inglês e o espanhol, e a ler latim, grego e hebraico. Quando a filha decidiu estudar filosofia, a mãe não se opôs, embora desejasse que a filha escolhesse algo rentável. Sua mãe quase nunca lhe repreendeu pelas escolhas que fez de tal modo que ela aprendeu na prática o valor da liberdade.

Em 1911 ingressou na Universidade de Breslau, onde estudou psicologia, filosofia, história e gramática alemã e, num ambiente acadêmico majoritariamente marcado por homens, destacou-se em tudo o que buscava aprender. Nesse período de universidade o que lhe incomodou existencialmente foi a busca pela verdade. O estudo da psicologia positivista não lhe agradou, porém, ao ler a obra *Investigações Lógicas*, tomou contato com as pesquisas de Edmund Husserl, com o qual foi se encontrar. Ela encontrou na fenomenologia a pedra de toque que a inquietava e, no dia 17 de abril de 1913 partiu para Göttingen, onde tornou-se aluna do maior filósofo da época. Nessa ocasião cruzou também com Max Scheler e Martin Heidegger.

Concluiu com grande distinção (*Summa cum laude*) o doutorado no dia 3 de agosto de 1916 com o título *O problema da empatia (Zum Problem der Einfühlung)*, aos 24 anos. Nesse mesmo ano Husserl tornou-se professor da Universidade de Friburgo, para onde Stein o seguiu, tornando-se a única mulher assistente do filósofo, que, por livre iniciativa, deixou a função no ano de 1918, quando tomou contato com a literatura cristã. Passaram sob suas mãos e olhos as obras *Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola* e o *Livro da Vida* de Santa Teresa D'Ávila, o qual leu na casa de Conrad-Martius em 1921. Adquiriu e estudou também o *Catecismo da Igreja Católica* e um *Missal*.

No dia 1 de janeiro de 1922, aos 30 anos de idade, ela recebeu o Batismo, tendo como sua madrinha a sua amiga protestante Conrad-Martius. Convertida ao cristianismo, atuou como professora e conferencista até fevereiro de 1933, quando suas atividades públicas foram proibidas. No mesmo ano, em outubro, aos 42 anos de idade, ingressou no Carmelo de Colônia. Em 1938 ela se refugiou na Holanda, no Carmelo de Echt. No dia 2 de agosto de 1942 ela foi presa pela polícia nazista. Primeiro

ficou interna do campo de concentração de Amersfoort e depois conduzida ao campo de Auschwitz, onde morreu numa câmara de gás no dia 9 de agosto.

João Paulo II a beatificou no ano de 1987 e, em 1988, a canonizou. Patriota, ela não foi apenas brilhante na vida acadêmica, mas também na vida social, defendendo ativamente a participação das mulheres na vida do Estado alemão. Tanto no período em que estava na universidade em Breslau, como nos anos em que esteve em Göttingen, ela foi socialmente ativa, participando de vários movimentos e associações. Seu ativismo, no entanto, não a fez deixar de cultivar uma intensa experiência religiosa. Seu comprometimento social a fez também tornar-se enfermeira voluntária da Cruz Vermelha num hospital militar, durante a primeira guerra. Mesmo ali, nas horas vagas ela estudava e, nesse ambiente marcado pelo sofrimento, também foi incitada a buscar uma resposta em relação ao sentido da vida.

O segundo capítulo – *Contribuições da fenomenologia no estudo da pessoa humana* – aborda em que consiste o método fenomenológico e a sua apropriação na compreensão da pessoa. Foi o interesse de Stein pelo método fenomenológico que a fez tornar-se membra do Círculo Fenomenológico de Göttingen e, depois seguir Husserl para Friburgo. Husserl, recebendo impulso de Franz Brentano em seus estudos, definiu a fenomenologia como ciência das essências (*eidética*) e não dos fatos, tal como entendia a psicologia empírica da sua época.

A fenomenologia busca o gesto de fazer com que as coisas sejam vistas como se fosse a primeira vez. Mais, ela não busca por aspectos dos objetos, mas para o seu sentido (*redução eidética*), procurando ir no interior (dentro) das coisas. Tal como se diz, ela fica às voltas com a coisa mesma (*Sache*) tal e qual ela se mostra à consciência. Realizando uma aproximação entre a fenomenologia e a filosofia do medievo Tomás de Aquino, Stein encontra os fundamentos para a sua antropologia filosófica, apresentando a pessoa como sendo constituída por corpo vivente (*Leib*), alma (*Seele*) e espírito (*Geist*) – dimensões já presentes nas reflexões do seu mestre Husserl.

A filósofa entende que a pessoa é corpo, tido como casa do espírito e meio/ponte no encontro com os outros através de palavras, sentimentos ou emoções. Também entende que a pessoa se constitui comunitariamente. Esses elementos compõem a sua visão fenomenológica da pessoa como um ser total e comunitário. Corpo, alma e espírito tornam-se meios pelos quais a pessoa torna-se o que é. Stein entende o ser humano como tendo um núcleo interior espiritual que ao perceber-se percebe os outros e seu mundo externo. Pelo viés fenomenológico ela também aborda o tema da empatia, pressuposto para compreender a intersubjetividade, um dos seus temas capitais e também da filosofia contemporânea. Enfim, Stein investiga o ser humano no seu interior (originariamente) pelo viés fenomenológico-teológico.

O terceiro capítulo – *Gênero: perspectivas antropológica e fenomenológica* – trata do tema da pessoa na perspectiva fenomenológica (sem desconsiderar o aspecto teológico). Embora Clélia Peretti considere que esse tema tenha sido tratado por outros fenomenólogos como Max Scheler, Hedwige Conrad-Martius e Martin Heidegger, o foco apresentado é na perspectiva desenvolvida por Edith Stein, a partir de sua obra *A estrutura da pessoa humana*. Segundo a filósofa, o ser humano é composto por uma

dimensão subjetiva (interior), com os outros (intersubjetiva) e com Deus. Tendo interesse com a formação do ser humano (das mulheres de modo especial) ela entende que uma pedagogia autêntica precisa pressupor uma definição clara do que seja o ser humano. Embora ela entenda o ser humano como criatura de Deus, considera a dimensão singular (individual) da pessoa, dimensão que a torna possível ser quem é. Em outras palavras, embora criatura de Deus, o ser humano se constitui enquanto indivíduo.

A empatia (*Einfühling*) é vista como pressuposto da experiência do outro, ou seja, da intersubjetividade, por isso ela se torna central na antropologia de Stein. Embora a pessoa se constitua (ontologicamente) na relação empática com o outro isso não quer dizer que se tenha uma invasão do núcleo que cada um seja. Na relação intersubjetiva empática o núcleo de cada um dos envolvidos fica intocável, pois o íntimo de cada pessoa é inacessível. Nesse sentido, podemos sentir a dor ou alegria do outro, mas nunca intensidade de tais sentimentos que são somente do interior de quem os estão sentindo. Da relação com o outro a pessoa se torna, por decorrência, um ser comunitário.

A mulher nasce mulher, mas não precisa atuar na sociedade tal como os homens querem que ela seja, por isso o seu papel na sociedade não está previamente demarcado. Ela nasce mulher apta a ser o que ela quiser ser. O núcleo mulher, sua individualidade, não a torna estanque, mas ativa, dinâmica. E mais, não adianta a mulher reconhecer o seu valor na sociedade se os homens não mudarem o seu comportamento machista e autoritário/arbitrário em relação a elas. Stein, foi atuante e preocupou-se com a formação das mulheres de sua época. Para ela, a mulher não nasceu apenas para ser esposa, mãe ou religiosa.

O quarto capítulo – *A questão feminina no contexto histórico e contemporâneo de Edith Stein* – aborda, a partir da experiência de Edith Stein, a questão feminina, que teve seu início na passagem do século XIX para o século XX. Preocupada com a formação/educação das mulheres de sua época, ela destaca que essa tarefa deveria ser executada com os homens, e não somente por elas. Sob a perspectiva teológica ambos deveriam descobrir a vocação advinda de Deus para a sua formação integral e singular, sem deixar de lado as suas dimensões familiar, comunitária, societária e estatal. A formação da mulher – como a do homem – devem integrar duas dimensões: a interna (pessoal/vocacional) e a externa (que vem de fora). Embora sejam diferentes, homem e mulher, segundo a filósofa, precisam de uma formação que os complemente, pois, abrir-se ao diferente faz parte da constituição de cada ser. Para ela, antes de ser “homem” ou “mulher” o indivíduo é pessoa. No caso da mulher, o exemplo a ser seguido é o de Maria, mãe de Jesus. Tanto a mulher quanto o homem são convidados a cuidarem-se de si, dos outros e do mundo. A singularidade de cada um se constrói comunitariamente, em relação com os outros (e Deus), em missão.

Edith Stein foi professora, enfermeira, religiosa e estudiosa; deu tudo de si para tornar-se quem foi. Na prática, ela despojou-se de si para tornar-se o que foi. Os seus escritos acerca da formação da mulher de sua época inspiraram a elaboração de uma antropologia feminina na Igreja Católica, através da contribuição de João Paulo II.

Judia, ela participou e sofreu o destino do seu povo. As mulheres de vistas pela perspectiva exclusivamente masculina passaram a mostrarem por si mesmas no século XX. Nesse sentido, figuraram mulheres como Simone Weil, Hannah Arendt, Maria Zambrano, Hedwig Conrad-Martius e Michelle Perrot.

O feminismo iniciou no século XIX e adentrou o século XX, tendo como grande expoente a filósofa francesa Simone de Beauvoir através da obra *O Segundo Sexo*, publicada em 1949, considerada pioneira do movimento. No Brasil, a autora cita as brasileiras Adélia Prado, Cecília Meirelles, Ivone Gebara e a historiadora Mary del Priore. Se, no século XIX as mulheres eram preparadas para serem esposa, mãe e/ou religiosa, no século XX elas lutaram coletivamente pelo direito de votar. A brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta foi a primeira mulher a defender publicamente a emancipação feminina. Na década de 1920 tivemos a liderança de Bertha Lutz. As mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto em 1932, garantido pela Constituição de 1934.

A partir do feminismo surgiu o movimento feminista católico e a teologia feminista, tendo como representantes Gertrud Heizelmann, Mary Daly, Betty Naomi Goldstein Friedan, Kate Millet, Elisabeth Schüssler Fiorenza, Rosemary Radford Ruether, Elisabeth Kari Bórresen, Phillys Tribble e Louise Schotroff. Trata-se de uma teologia de mulheres sobre as mulheres, opondo-se à teologia da mulher, feita por homens sobre as mulheres.

315

O quinto capítulo – *A mulher e suas esperanças na Igreja e na sociedade atual* – busca abordar o protagonismo da mulher na Igreja e na sociedade – ao lado do homem. Para Stein, a primeira ação seria a de perscrutar a própria vocação e, a partir disso, cada um deveria assumir a sua profissão. Nesse sentido, as mulheres poderiam, pautadas no escutar o seu chamado interior, assumir papéis tidos como exclusivamente masculinos. Mas, isso não para diminuir o espaço deles, mas para deixar com que elas assumissem aquilo pelo qual eram designadas livremente. As mulheres são capazes de enriquecer a vida pública, a sociedade, mas isso deve ser feito sem perder aquilo que lhe é próprio, a feminilidade.

De um período em que tanto o homem quanto a mulher eram definidos pelas suas características biológicas/genitais e, a partir disso, arranjados nos seus papéis sociais, Edith Stein tematiza o ser mulher. O que é ser mulher? Qual a sua vocação? Para ela, a mulher é muito mais do que unicamente um ser biológico (com missão de ser mãe), é, também, um ser psíquico, espiritual, axiológico, ético. Ela não tem apenas corpo, mas vida, liberdade. Para Stein, a mulher não possui apenas a missão de mãe biológica, mas também de mãe espiritual. Ela é cuidadora. Stein pensa a formação das mulheres de sua época para além do ser mãe (biológica), ou seja, para contribuir com a sociedade, para atuar publicamente.

Outro fator fundamental na constituição do ser mulher é o componente religioso. Na Alemanha, Stein viu na Constituição de Weimar de 1919, espaço concedido as mulheres e, por isso, anunciou a necessidade de que elas recebessem uma formação para ocuparem cargos públicos e sociais. Ela reclamou uma formação preparatória para as jovens mulheres para que elas pudessem assumir cargos exclusivamente

masculinos. Não se trata de emprego, mas de trabalho, ou seja, uma ação que a constitua enquanto mulher e contribua significativamente com a sociedade. Para Stein, as mulheres podem contribuir significativamente na construção do bem comum.

No século XX o tema da mulher é abordado com força na Igreja Católica no Pontificado de Pio XII, Paulo VI, e, de modo especial, de João Paulo II. Stein pensa que tanto os homens como as mulheres são chamados por Deus para lhe servir. Nesse sentido, ela pensa a questão do sacerdócio feminino, tema tratado pela Igreja Católica, mas não aceita. No seu entender, a família, o Estado e a Igreja, para ela, são as três comunidades que, juntas formam, a pessoa. A família e o Estado são naturais, e a Igreja é sobrenatural; juntas elas são imprescindíveis na formação do ser humano desde o nascimento. Para Stein, as mulheres possuem uma vocação especial de educação dos jovens.

É na experiência religiosa que as mulheres – e os homens – vivendo em comunidade – convivendo – descobrirão a sua vocação verdadeira, íntima, pessoal. A filósofa reúne as experiências existencial e coletiva, intersubjetiva e pública, horizontal (alteridade/outro) e vertical (Alteridade/Deus), na constituição do ser. Como membra da Ordem Carmelita, ela seguiu as orientações espirituais presentes nas obras de São João da Cruz e Santa Teresa D'Ávila – *Castelo Interior*, sem descurar de Santo Agostinho – *Confissões* – e de Dionísio o Aereopagita. Ela desenvolveu a sua mística a partir desses mestres místicos, descobrindo-se a si mesma, no seu mais íntimo, com Deus/Trindade.

O livro da professora e pesquisadora brasileira Clélia Peretti aborda a vida, o engajamento, a produção acadêmica, a religiosidade e o testemunho de uma das maiores filósofas do século XX, tendo como uma das referências Angela Ales Bello, italiana especialista no pensamento de Edith Stein, reconhecida internacionalmente. Apresenta-se ao público brasileiro como uma referência fundamental acerca do feminismo cristão católico. Filosoficamente, discípula de Edmund Husserl, Stein demonstrou originalidade ao interpretar fenomenologicamente as obras de Tomás de Aquino. A sua vida e os seus escritos sobre as mulheres serviram de inspiração para João Paulo II escrever acerca da antropologia feminina na Igreja Católica. Stein mostrou com a sua vida a preocupação com as mulheres de seu tempo para que elas, ao lado dos homens, pudessem viver livremente e com dignidade. Foi uma mulher única, estudiosa, professora, palestrante, enfermeira, religiosa e mística. Uma mulher que entendeu o ser mulher (e o ser homem) como sendo uma construção pessoal, comunitária e com Deus. Consideramos oportuno repetir aqui o que escreveu, no prefácio do livro aqui apresentado, Renato Kirchner, conforme o qual, com a presente publicação e pelo que testemunha há anos, Clélia Peretti pode ser colocada ao lado de mulheres como Cecília Meirelles, Adélia Prado, Ivone Gebara e Maria Clara Lucchetti Bingemer.

Submetido: 21 de outubro 2021

Aceito: 20 de novembro 2021

RESENHA

PERETTI, Clélia. Nas trilhas de Edith Stein.